

## Smartphones: Uso e Representação Social em Crianças de 10 a 12 Anos da Região Metropolitana do Recife <sup>1</sup>

Nathália da Franca Cavalcanti <sup>2</sup>

Plutarco de Souza Almeida <sup>3</sup>

Anthony José da Cunha Carneiro Lins<sup>4</sup>

João Guilherme de Melo Peixoto<sup>5</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

O presente artigo avalia os hábitos atuais da infância com relação ao uso das mídias digitais, sobretudo das redes sociais, a partir da análise dos resultados de uma pesquisa quantitativa realizada com um grupo de cinquenta e quatro mães e pais de crianças, com idades variando entre 10 e 12 anos. Como principais resultados, foi verificado que apesar do uso constante e muitas vezes abusivo do dispositivo tecnológico, mais de 90% das crianças da nossa amostra ainda preferiria, caso tivesse opção, ocupar o seu tempo livre com atividades motoras em companhia dos amigos. Além disso, a análise demonstra que um dos principais desafios neste momento é o de encontrar um ponto de equilíbrio entre a vida dentro e fora das redes, além de uma participação mais ativa dos pais na vida de seus filhos.

**PALAVRAS-CHAVE:** infância; smartphone; mídias digitais; sociedade, consumo digital.

### INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, faz-se necessário esclarecer o que entendemos por “infância”, uma vez que este conceito, ao longo da história, recebeu diversas formulações, e até hoje é objeto de intensos debates. David Buckingham (2007) afirma que “a criança não é uma categoria natural ou universal, determinada simplesmente pela biologia” (BUCKINGHAM, 2007, p.19). Ao contrário do que em geral se imagina, não é a idade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Indústrias Criativas pela Universidade Católica de Pernambuco, Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Pulplicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Maurício de Nassau, e-mail: [francanathalia@hotmail.com](mailto:francanathalia@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestrando em Indústrias Criativas pela Universidade Católica de Pernambuco, Graduado em Comunicação Social, Bacharel em Filosofia e Teologia, Especialista em Comunicação Pastoral, e-mail: [plutarcosj@gmail.com](mailto:plutarcosj@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutor em Biotecnologia pelo programa Renorbio, vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, Mestre em Engenharia da Computação pela Escola Politécnica da Universidade de Pernambuco, Professor do Mestrado em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco (PPG Criativas Unicap), e-mail: [thonylins@gmail.com](mailto:thonylins@gmail.com)

<sup>5</sup> Pós-Doutor em Comunicação pelo Center for Internet Studies and Digital Life (Universidade de Navarra – Espanha), Doutor em Comunicação Social pelo PPGCOM – UFPE, Professor do Mestrado em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco (PPG Criativas Unicap), e-mail: [joaogmpeixoto@gmail.com](mailto:joaogmpeixoto@gmail.com)

---

biológica que define o ser criança. Para o autor, “a ideia de que a infância é uma construção social é hoje um lugar-comum na história e na sociologia da infância e está cada vez mais aceita” (BUCKINGHAM, 2007, p.20, grifo nosso). Assim, enquanto algo socialmente construído, a infância é produto de múltiplas e complexas relações que ocorrem nos âmbitos familiares, políticos, sociais e midiáticos.

A escola, por exemplo, é uma instituição social que efetivamente constrói e define o que significa ser uma criança. A separação das crianças pela idade biológica e não pela “habilidade”, a natureza altamente regulamentada das relações entre professor e aluno, a organização dos currículos e do horário das atividades cotidianas, o processo de avaliação, todos servem de diferentes maneiras para reforçar e naturalizar pressupostos particulares sobre o que as crianças são e devem ser. (BUCKINGHAM, 2007, p.20).

Feitos esses esclarecimentos conceituais, passaremos a investigar algumas das principais mudanças ocorridas na era digital, ou seja, de que maneira a noção de infância enquanto construção social tem sido impactada pelas novas tecnologias, de modo especial pelas redes sociais. Tendo como base uma revisão bibliográfica, a qual, evidentemente, não tem a pretensão de ser exaustiva, destacaremos as posições teóricas de alguns estudiosos do assunto na atualidade.

Num segundo momento passaremos a analisar os resultados da pesquisa qualitativa online (formulário Google), realizada ao longo do mês de junho de 2019, com cinquenta e quatro pais de crianças na Cidade do Recife. A pesquisa teve como objetivo coletar dados gerais de consumo das novas tecnologias, sobretudo das redes sociais, por parte das crianças para podermos assim analisar o seu comportamento na era digital.

Uma vez colocados os dados que essa pesquisa qualitativa levantou, concluiremos o artigo elencando resumidamente algumas questões que segundo o nosso parecer deveriam estar sobre a mesa de discussão nos dias de hoje. Assim, esperamos colaborar de alguma forma com a discussão sobre este tema extremamente importante, sobretudo porque estamos tratando dos aspectos formativos das novas gerações. Estamos, é claro, cientes de que o assunto, por sua própria novidade e ainda mais por sua alta complexidade, ainda carece de estudos mais aprofundados por parte de profissionais que de uma forma ou de outra têm interesse neste tema.

---

## O conceito de “infância”

Segundo Buckingham (2007), na segunda metade do século XIX a formulação do conceito “infância” baseava-se em dois tipos de discursos: aqueles produzidos por adultos para o consumo de outros adultos, ou seja, as teorias e práticas científicas da psicologia, fisiologia e medicina, por exemplo, e os discursos dos adultos dirigidos às crianças, cujos exemplos maiores são a literatura infantil e os programas infantis veiculados pela grande mídia. De qualquer modo, o autor defende que modernamente o conceito de infância é estabelecido pela via negativa, ou seja, por exclusão: “elas são definidas principalmente em termos do que *não* são e do que *não* conseguem fazer” (BUCKINGHAM, 2007, p.29, *itálico do autor*).

De modo geral, é negado às crianças o direito de autodeterminação: elas precisam contar com os adultos para representar seus interesses e argumentar em seu nome. A “infância” da forma como é predominantemente concebida, atua nesse sentido como supressora de poderes (BUCKINGHAM, 2007, p.29).

Por sua vez, Viviane de Bona (2016) compreende a infância na mesma linha conceitual de Buckingham (2007), ou seja, não em termos apenas de traços ou características de origem físico-biológica, mas enquanto uma “construção social”. A autora afirma que, “Muito além do fator biológico que aponta para características anatômicas e fisiológicas específicas das crianças, cada contexto cultural é capaz de criar uma maneira particular de concebê-la” (DE BONA, 2016, p.101). Apesar de neste aspecto concordar com Buckingham, a autora é bastante otimista com relação a posição da infância na sociedade pois entende que “ela deixou de ser uma figura secundária, saiu da obscuridade e tem adquirido, em especial nos dias atuais, cada vez mais visibilidade social” (DE BONA, 2016, p.100).

Buckingham (2007) destaca também o fato de que historicamente foi a psicologia a disciplina acadêmica que cuidou de estudar a infância, ou seja, o prisma através do qual a criança sempre foi vista não foi o prisma social, mas sim os dados de sua personalidade individual ou de sua psique. O entendimento, então, nos levaria a crer que a infância é tão somente um estágio provisório em direção à maturidade do adulto. Visto dessa maneira, ser criança é um caminho ou um processo de tornar-se adulto e, portanto, “aqueles que não atingem esse estado são avaliados em termos de patologias individuais, casos merecedores de tratamento” (BUCKINGHAM, 2007, p. 30).

---

Pelo fato de ainda não ser um “adulto”, a infância é uma espécie de fase pré-social ou um tempo de preparação para a vida adulta e por isso mesmo a criança também deve ser protegida. É como se existisse um universo paralelo não acessível ao universo “adulto”. Para Buckingham (2007), na verdade, “trata-se de áreas que, de diferentes maneiras, são predominantemente definidas em termos de exclusão, ou seja, como áreas da vida “adulta” às quais a criança não deveria ter acesso” (BUCKINGHAM, 2007, p. 33, aspas do autor). Aqui se inclui em primeiro lugar a área da moral, especialmente os temas ligados a sexo e violência. Depois, as relações com a esfera pública, o comércio e também a política. Consequentemente, segundo o nosso autor, [...] “a construção dominante das crianças como indivíduos pré-sociais impede de fato qualquer consideração que as tome como seres sociais ou mesmo como cidadãos” (BUCKINGHAM, 2007, p. 32).

### **Infância e novas tecnologias**

Para que possamos compreender a influência das tecnologias digitais na vida das crianças devemos contemplá-las num contexto mais abrangente, que considere as mudanças do status social, o surgimento de novas estruturas familiares e as diferentes formas em que a infância vem se definindo ao longo do seu percurso histórico. De fato, as novas tecnologias e seus impactos sobre o cotidiano da infância tem sido objeto de discussão por parte de diversos estudiosos. Duas grandes correntes de pensamento se apresentam no cenário deste debate. A primeira reúne autores que a exemplo de Neil Postman (1999) possuem uma visão negativa e atribuem às mídias eletrônicas “um singular poder de explorar a vulnerabilidade das crianças, de abalar sua individualidade e destruir sua inocência” (POSTMAN, 1999, p.67). Para Postman, as novas tecnologias modificaram as relações dos adultos com as crianças. Falando especificamente sobre a televisão, o autor conclui que o poder e controle dos adultos tornaram-se impossíveis de acontecer. Em última análise, ainda no alvorecer do surgimento da era digital a televisão iniciou uma espécie de processo degenerativo da infância, roubando-lhe a inocência de antes.

Uma segunda corrente, porém, elabora uma construção positiva, pois enxerga a criança não como vítima passiva diante do avanço das tecnologias de informação e comunicação, mas como seres dotados de uma sabedoria natural. Para Buckingham, por

exemplo, as crianças hoje são dotadas de uma forma poderosa de “alfabetização midiática” (2007). Ao se colocar nesta linha de pensamento o autor diz que os “defensores desta visão, longe de conclamar os adultos a reafirmarem sua autoridade sobre as crianças, sugerem que os adultos os “escutem” e tentem “alcançar o nível delas” (BUCKINGHAM, 2007, p.66). Segundo ele, portanto, o problema não estaria na infância cercada de tecnologias, mas sim nos adultos que ainda não chegaram a compreender os novos fenômenos midiáticos e as mudanças que eles provocam no mundo da criança. Diferentemente de autores como Postman (1999) que acusava a televisão de abalar a moralidade e a coerência social, Buckingham diz que as novas mídias têm qualidades fundamentais muito diferentes das que existiam nas gerações passadas. Para ele “as novas mídias são vistas como mais democráticas que autoritárias, mais diversificadas do que homogêneas, mais participativas do que passivas” (BUCKINGHAM, 2007, p.67). Novos tempos, nova infância.

Por outro lado, a era digital sustentada pelo grande capital também carrega em seu bojo um aumento expressivo da oferta de produtos e serviços, muitos dos quais difundidos através das redes sociais. É fácil constatar neste sentido o interesse da indústria em relação ao público consumidor infantil.

Buckingham afirma a esse respeito que:

A redução do tamanho das famílias, a frequência dos divórcios e das famílias monoparentais e o aumento geral da renda de consumo (embora desigualmente distribuída), combinados com a nova valorização simbólica da infância, têm dado mais voz às crianças nas decisões de compras domésticas. Como os publicitários já reconheceram, as crianças podem até não ter muita renda própria para gastar, mas seu “poder de importunar” exerce uma influência real nas decisões de compras da família (BUCKINGHAM, 2007, p.212).

O surgimento da sociedade pós-industrial traz consigo um novo regime político, transformando o consumidor em agente ativo de geração de valor, a partir da própria identidade. No lazer e no entretenimento, os novos hábitos de consumo, constroem e reconstroem a imagem e a identidade do indivíduo. Por isso mesmo, Viviane de Bona diz que “o avanço da tecnologia da informação contribui para a construção de novas concepções do “ser criança” (2016). A simples observação empírica dos ambientes frequentados por crianças conclui que os produtos da indústria de consumo, sobretudo os tecnológicos como os tablets e os smartphones, substituíram em boa parte aqueles

brinquedos infantis tradicionais. Esse fato demonstra claramente a reconstrução mercadológica do consumidor, inclusive do consumidor infantil hoje cada vez mais valorizado em seu potencial de compra.

Na opinião da educadora Profa. Dra. Viviane Bona (2016), a discussão não está concluída, uma vez que estamos apenas iniciando o processo:

O debate está em aberto e muito ainda se tem a percorrer para entender os impactos da tecnologia nos modos de aprendizagem das crianças e na estruturação de suas próprias personalidades. Por esse motivo, há a importância de se analisar as diversas maneiras de compreensão da infância e suas relações com o desenvolvimento tecnológico na atualidade (DE BONA, 2016, p. 116).

## **METODOLOGIA**

Neste artigo utilizamos como metodologia uma pesquisa de campo de caráter exploratório, realizada junto a cinquenta e quatro pais e mães de crianças, na faixa etária dos 10 aos 12 anos, matriculadas em escolas particulares da região metropolitana do Recife, acerca do uso cotidiano do smartphone por parte dos seus filhos. Para isso foi enviado um questionário online com 10 perguntas objetivas de múltiplas opções de respostas. As análises dos resultados dessa pesquisa, assim como os questionamentos que eles suscitaram, formam o conteúdo principal do nosso trabalho.

## **RESULTADOS**

Os dados da pesquisa foram analisados de forma descritiva e constataram que 83,3% das crianças da nossa amostra possui smartphone e 73,3 fazem uso do mesmo como principal dispositivo de acesso à internet. Ao serem perguntados se controlam o tempo que os filhos passam online 51,9% dos pais respondeu que sim, 16,7% disse não ter controle e 31,5% disseram conseguir controlar parcialmente a situação.

A pesquisa confirma a realidade da criança enquanto ser contemporâneo inserido na sociedade capitalista do século XXI, ou seja, consumidora de massa, e comprova que 83,3% das mesmas tem smartphone e acessa a internet mais de 5 dias na semana. Um fato curioso é que esse número é igual ao de pais que afirmaram ter controle sobre o tempo que seus filhos passam online. Tais dados suscitam uma lacuna nessa relação tempo online X tempo permitido, um pai que deixa seu filho acessar a internet uma hora por dia,

---

durante 5 dias, concedeu-lhe 5 horas semanais, menos tempo do que o pai que permite 8 horas no final de semana (quatro por dia), ainda sobre esse aspecto podemos acrescentar os que concedem uso ilimitado nos fins de semana e feriados.

Quando perguntados o que fazem na maior parte do tempo que estão online as respostas foram bem equilibradas e lineares, não houve uma grande variação e nem predominância absoluta, 48,2% fazem uso de jogos e aplicativos e 38,9% assistem vídeos. A mesma linearidade e equilíbrio não foram visíveis quando abordados sobre a rede social que acessam com maior frequência. O YouTube, plataforma digital mais acessada do mundo, ganhou disparadamente como a rede social utilizada mais frequentemente pelas crianças com 63% da anuência dos pais entrevistados, ficando 40,8% na frente do Instagram, segundo colocado, com apenas 22,2% da adesão dos mesmos.

Um fato curioso e que chamou bastante atenção foi o Facebook, rede social que teve o seu auge em 2011 chegando a ser a mais popular e com maior número de cadastros de usuários dentre tantas outras existentes, não ter obtido nenhum voto. Isto confirma o atual fenômeno de migração dos usuários dessa plataforma para o Instagram, migração que encontra, segundo a nossa pesquisa, grande adesão por parte do público infantil.

Ainda analisando os números da pesquisa é possível observar alguns indícios relativos ao surgimento de um novo tipo de consumidor, mesmo em se tratando do público infantil. O renomado escritor norte-americano Alvin Toffler (1980) criou o termo *prosumer* para se referir ao consumidor que não apenas consome, mas também gera conteúdo. Com a proliferação da internet e o advento das redes sociais o termo tem sido altamente difundido e se tornado comum aos usuários das redes nos dias de hoje.

Por sua vez, Domingues (2010) definiu o *prosumer* como um sujeito que emerge de uma nova condição social, não mais passiva e somente receptora, mas ativa e produtora de discursos e conteúdo. Nossos dados mostram um número de crianças “*prosumidoras*” (termo adaptado do inglês *prosumer*) ainda bastante acanhado 20,4% se compararmos aos 75,9% que informam ser consumidoras ativas dos diversos conteúdos disponíveis online.

A pesquisa revelou ainda que 75,9% dos pais tem total acesso a todo o conteúdo que os filhos acessam nas redes, 14,8% confessaram que não conseguem ter acesso a totalidade do conteúdo, mas tem de boa parte, apenas 9,3% afirmaram desconhecer o conteúdo que os filhos acessam na internet.

---

Sobre o que seus filhos fazem em seu tempo livre, a maioria dos pais, 37,3%, respondeu que eles passam navegando na internet seja para qual for a finalidade. Um número não muito menor, 33,4%, respondeu que os mesmos passam o tempo livre assistindo a filmes e séries, conteúdo esse que também é disponibilizado pela internet, dessa forma não seria errado concluir que tal modalidade também caracteriza um acesso à rede. Apenas 29,8% dos pais entrevistados afirmaram que seus filhos investem o seu tempo livre em atividades que não tem nenhuma relação com a vida digital.

Porém, não surpreendentemente, ao serem perguntados como seria o “dia perfeito” para seus filhos, 90,7% dos pais responderam que os mesmos prefeririam brincar ao ar livre com os amigos num clube de campo, correr, tomar banho de piscina, subir em árvores, jogar bola e comer salgados e doces industrializados, a passar o dia inteiro trancados num quarto com acesso total e irrestrito a qualquer tipo de conteúdo da internet em posse das mesmas guloseimas industrializadas.

## **DISCUSSÃO**

O artigo abre uma lacuna para futuras investigações sobre a relação entre o tempo que os filhos utilizam a internet versus o tempo que lhes é permitido por seus pais, sobre esse assunto, é bastante prematuro chegar a alguma conclusão com base apenas nos resultados obtidos por essa pesquisa. Se faz necessária uma análise mais detalhada desse uso, inserido no cotidiano dos mesmos, vez que, é completamente diferente uma criança que tem acesso diário a internet por um tempo “x” determinado pelos seus pais, suporemos aqui uma hora diária, de outra que faz uso constante de seu smartphone, tal qual um adulto, sem nenhuma restrição de horário ou conteúdo.

Não podemos classificar o uso diário como excesso ou permissividade. Feito de maneira equilibrada, ele pode ser adequado e até mesmo salutar. Entender a função e os impactos das tecnologias na sociedade atual, sobretudo na vida das crianças, é o caminho mais adequado para convivermos de maneira harmônica e saudável com as mudanças por ela trazida, buscando sempre uma melhor qualidade de vida.



---

## CONCLUSÃO

A era digital sem dúvida traz consigo uma série de inquietações, seja para os pais e educadores, seja também para os estudiosos de diversas áreas, a exemplo da psicologia, pedagogia, sociologia, comunicação e outras ligadas direta ou indiretamente às questões da infância. Se quisermos parafrasear um termo do vocabulário das crianças, diríamos que estamos ainda “engatinhando” no conhecimento desta nova sociedade.

De qualquer maneira, a nossa pesquisa, embora não exaustiva, trouxe resultados que confirmam a opinião, por exemplo, de Viviane de Bona quando diz que “as tecnologias estão incorporadas no cotidiano infantil porque possuem atrativos e porque permitem o que consideram peculiar no mundo infantil, que é a diversão e a brincadeira” (BONA, 2010, p. 87). O uso principal do smartphone por parte das crianças entre 10 a 12 anos na região metropolitana do Recife é realmente o lazer. As crianças utilizam este aparelho muito mais para brincar e se divertir.

Além disso, não podemos esquecer que é principalmente através do smartphone que elas interagem umas com as outras, criam redes e estabelecem laços de coleguismo e amizade. Esta também é a posição de David Buckingham ao constatar que “as crianças interagem com a tecnologia como fazendo parte de uma geração eletrônica que oferece autonomia e liberdade de criação para modificação do mundo em que se encontram” (BUCKINGHAM, 2007, p. 65).

Por fim, os resultados da nossa pesquisa são também um chamamento aos pais, educadores e todas as pessoas envolvidas nos processos educativos das crianças no sentido de não se ausentarem ou se omitirem. Sabemos que os desafios são enormes e não existem receitas prontas. Tudo ainda está por fazer. Façamos, então!

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Paulo Henrique Pires de. et al. **Tratado de Neurologia Vascular**: princípios básicos, diagnóstico e terapêutica. São Paulo: Roca, 2012. E-book.

ALCÂNTARA, Alessandra; CAMPOS, Marília. **Agora eu Era o Rei**: a reinvenção da infância. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

BAPTISTA, Iuri Yudi Furukita. **O consumo na vida digital**. Revista Espaço Acadêmico, Vol. 15 (178), pp. 43-54, fev. 2016.

---

BONA, Viviane de. **Tecnologia e Infância: ser criança na contemporaneidade**. Recife: O Autor, 2010.

BONA, Viviane de; MAIA, Licia de Souza Leão. **A infância em face do desenvolvimento tecnológico: um estudo das representações sociais de criança**. Educação (UFSM), Vol. 37 (3), pp. 523-539, set. 2012.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

DOMINGUES, Izabela. **Netizens e Prosumers: novas mídias, co-criação e consumerismo político 1980**. Como visto em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2642-1.pdf> Acesso em 07.07.2019 às 19h22.

HOMRICH, Marcele Teixeira; SILVA, Daniela de Castro. **Brincadeiras e brinquedos na atualidade: breve contribuição articulando a infância e a escola**. Reflexão & Ação, Vol. 18 (2), pp.198-213, jan. 2010.

JAMBEIRO, Othon; FERREIRA, Fábio. **Compreendendo as Indústrias Criativas de Mídia: contribuições da economia política da comunicação**. Revista Comunicação Midiática, América do Norte, jan. 2013. Como visto em <http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/298/158> Acesso em 10.01.2017 às 16h35.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5.ed. Petrópolis: Vozes,2007. 404p.

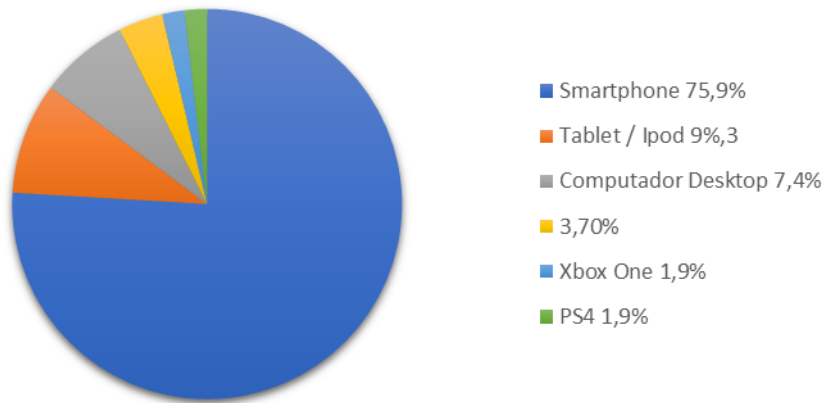
POSTMANN, N. **O Desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

## ANEXOS

Pesquisa sobre infância e uso dos smartphones e redes sociais.

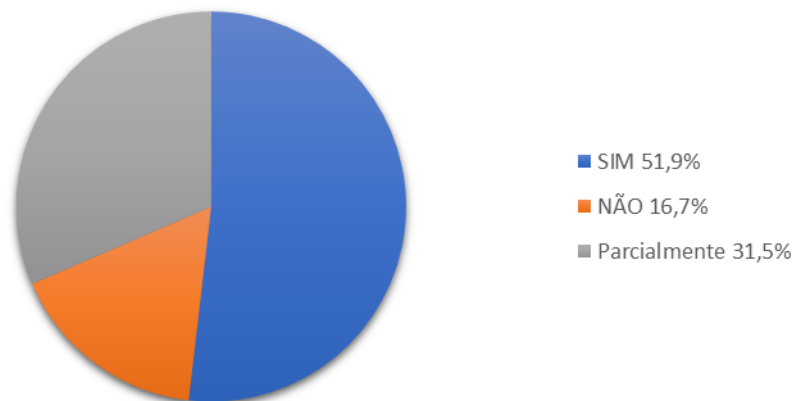
### 1- Através de que dispositivo você acessa a internet com maior frequência?



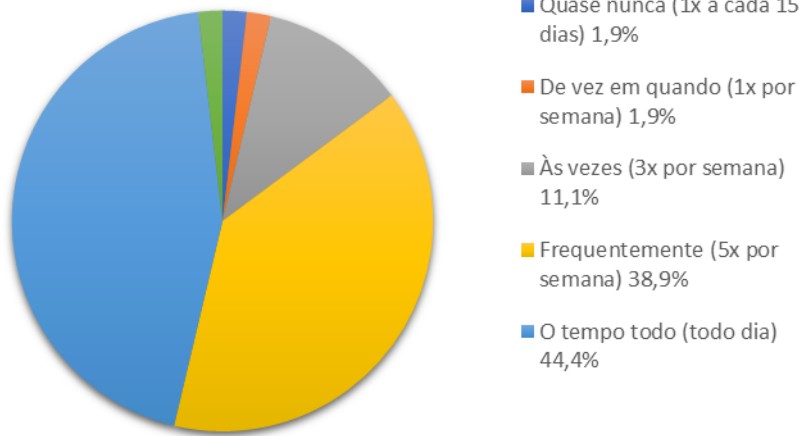
### 2- Você tem Smartphone?



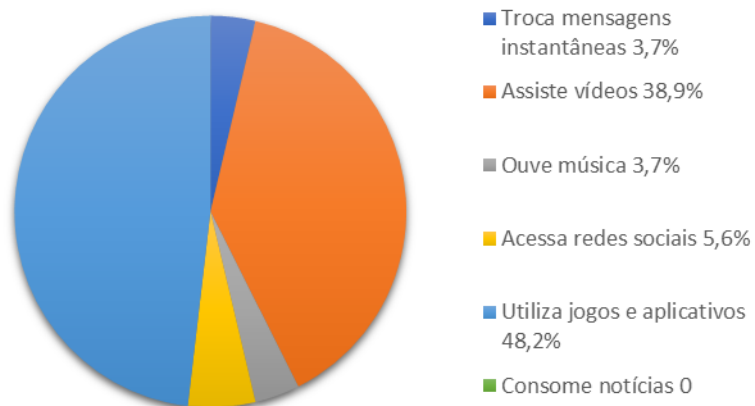
### 3- Seus pais controlam o tempo que você fica na internet?



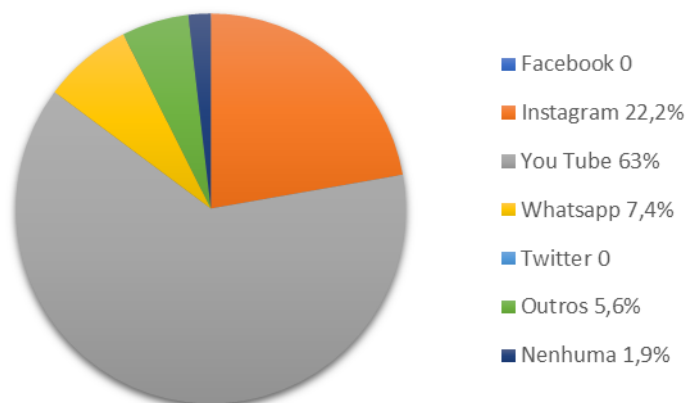
#### 4- Com que frequência você acessa a internet?



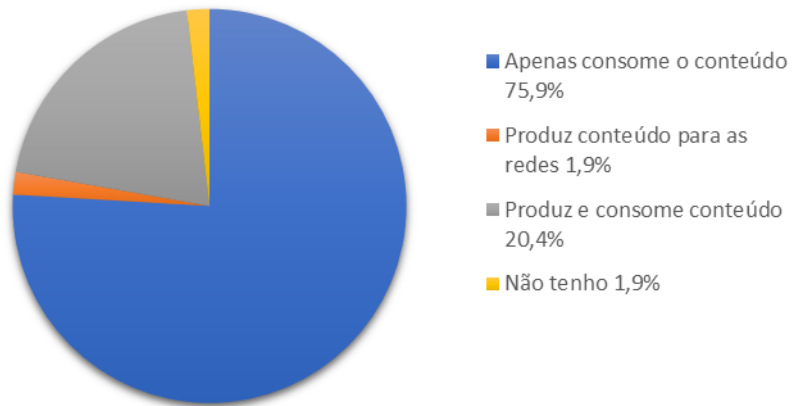
#### 5- O que você faz na maior parte do tempo que está online?



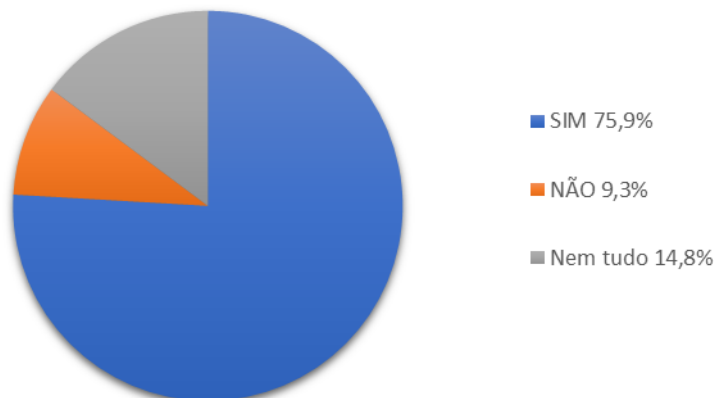
#### 6- Qual rede social você acessa com maior frequência?



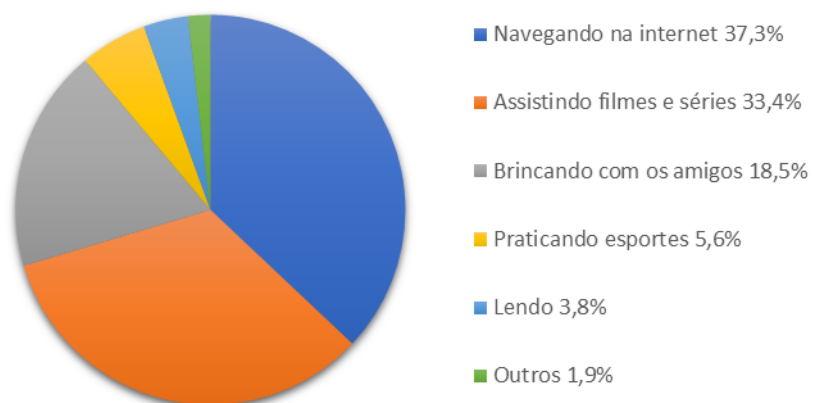
### 7- Qual o seu nível de envolvimento com as redes sociais?



### 8- Seus pais têm acesso ao conteúdo que você acessa nas redes?



### 9- Como você passa a maior parte do seu tempo livre?



## 10- Como seria o dia perfeito para você?



■ Num clube de campo com os seus melhores amigos tomando banho de piscina, jogando bola, correndo, subindo em árvores e comendo um monte de besteiras 90,7%

■ O dia inteiro na internet, sem nenhuma restrição, com acesso livre para qualquer tipo de conteúdo e comendo um monte de besteiras 9,3%